

**INSTITUTO ENSINAR BRASIL  
FACULDADES UNIFICADAS DE TEÓFILO OTONI**

**JULIANA PINHEIRO DOS SANTOS**

**A AGRESSIVIDADE NA CONTEMPORÂNEIDADE NA PERSPECTIVA DO PAPEL  
DA INSTITUIÇÃO FAMILIAR**

**TEÓFILO OTONI-MG**

**2017**

**JULIANA PINHEIRO DOS SANTOS**  
**FACULDADES UNIFICADAS DE TEÓFILO OTONI**

**A AGRESSIVIDADE NA CONTEMPORÂNEIDADE NA PERSPECTIVA DO PAPEL  
DA INSTITUIÇÃO FAMILIAR**

**Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Psicologia  
das Faculdades Unificadas de Teófilo  
Otoni, como requisito parcial à  
obtenção do título de Bacharel em  
Psicologia.**

**Área de Concentração: Sócio-  
Psicanalítica.**

**Orientador: Prof. Neuslete Esteves dos  
Santos Neumann.**

**TEÓFILO OTONI-MG**

**2017**



FACULDADES UNIFICADAS DE TEÓFILO OTONI

O Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A AGRESSIVIDADE NA CONTEMPORANEIDADE NA PERSPECTIVA DO PAPEL DA INSTITUIÇÃO FAMILIAR**, elaborado pela aluna JULIANA PINHEIRO DOS SANTOS foi aprovado por todos os membros da Banca Examinadora e aceita pelo curso de Psicologia das Faculdades Unificadas de Teófilo Otoni, como requisito parcial da obtenção do título de

### **BACHAREL EM PSICOLOGIA**

Teófilo Otoni, 14 de dezembro de 2017

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Orientador

---

Prof. Examinador1

---

Prof. Examinador 2

*Dedico esse trabalho a minha mãe e ao meu noivo que muito me apoiaram e incentivaram a realizá-lo.*

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, a Deus, pois Ele foi quem me deu força e coragem durante toda esta longa caminhada.

Aos Mestres, pelos ensinamentos transmitidos.

A minha orientadora Neuslete Esteves dos Santos Neumann, que muito contribuiu para a realização desse trabalho.

A Indiamara Rocha e Riane Botelho, amigas que a Psicologia me presenteou, que estiveram sempre presentes em todas as etapas desse percurso.

*“Hoje, a família é desprezada, é maltratada, e o que se nos pede é reconhecer o belo, o autêntico e o bom que é formar uma família, ser família hoje; o indispensável que isto é para a vida do mundo, para o futuro da humanidade”*

*Papa Francisco*

## RESUMO

Esse estudo é uma revisão bibliográfica qualitativa sobre agressividade e família pela perspectiva psicanalítica, procura esclarecer quais fatores colaboram para a manifestação e manutenção da violência na sociedade contemporânea. De que forma as novas configurações familiares influenciam na repressão da agressividade no indivíduo, apontando possíveis falhas nesse processo, chamando a atenção para a importância da família como uma das instituições responsáveis pela estruturação do indivíduo como um ser social, ressaltando a necessidade do exercício da autoridade pelos pais e do desenvolvimento saudável das funções parentais, para que seja ofertado ao indivíduo um ambiente favorável promovendo a internalização de valores morais e éticos que norteiem a conduta do indivíduo em outros ambientes sociais.

**Palavras-chaves:** Agressividade. Família. Psicanálise. Papel da família. Violência





## Abstract

This study is a qualitative bibliographical review about aggressiveness and family from a psychoanalytical perspective, trying to clarify which factors contributed to the manifestation and maintenance of violence in contemporary society. How the new family configurations influence the repression of aggressiveness in the individual, pointing out possible flaws in this process, drawing people's attention to the importance of the family as one of the institutions responsible for structuring the individual as a social being, stressing the need for exercise of authority by parents and the healthy development of parental functions, so that the individual is offered a favorable environment by promoting the internalization of moral and ethical values that guide the conduct of the individual in other social environments.

**Key-words:** Aggressiveness. Family. Psychoanalysis. Role of the family. Violence



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 A Família e Seu Papel na Formação do Sujeito .....</b>	<b>11</b>
<b>2.2 A Família Contemporânea .....</b>	<b>14</b>
<b>2.3 A Importância da Família na Repressão da Agressividade .....</b>	<b>16</b>
<b>2.4 Os Aspectos da Agressividade na teoria psicanalítica.....</b>	<b>18</b>
<b>2.5 Agressividade e Violência: Diferenças.....</b>	<b>21</b>
<b>3 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS TECNICOS DE PESQUISA.....</b>	<b>24</b>
<b>3.1 Classificação da pesquisa quanto aos fins .....</b>	<b>24</b>
<b>3.2 Classificação da pesquisa quanto aos meios.....</b>	<b>24</b>
<b>3.3 Tratamento de dados .....</b>	<b>24</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSOES .....</b>	<b>26</b>
<b>5 CONSIDERACOES FINAIS .....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em seu trabalho *Mal Estar na Civilização* de 1929, Freud traz o conceito de agressividade como condição inerente ao homem e que esta pode se tornar principal fator de ameaça à vida em sociedade. Sendo uma condição inerente ao homem, Freud aponta a importância da civilização como forma de internalizá-la.

Para Valadão (2014) a criança necessita de um ambiente forte e coeso, de pais que exerçam sua autoridade e imponha limites aos impulsos destrutivos de seus filhos, que desempenhem suas funções suficientemente bem para a construção psíquica da criança e a estruturação de sua subjetividade.

A instituição familiar tem uma importante função a desempenhar para a sociedade, ao passo que é o primeiro espaço de convivência da criança, tendo em vista que dependendo dos cuidados tidos para com ela poderá propiciar futuros cidadãos integralmente sadios. Isso é um fator preponderante a se pensar, pois o aumento de atitudes agressivas podem ser resultados emocionais vindos de um lar deficitário (GRANDO, M.S; KATZWINKEL, A.S; BRAZ, M.M; 2012, P. 1).

Para Grando, M.S; Katzwinkel, A.S; Braz, M.M; (2012, p. 15) o papel de pais suficientemente bons é fundamental para o desenvolvimento saudável de todas as crianças. As relações que se estabelecem nas primeiras épocas da vida dos sujeitos são determinantes, ou seja, podem ser saudáveis e patológicas, dependendo da qualidade destas relações. Por isso, independentemente da situação profissional dos pais, o tempo que eles têm disponível, seja bastante ou pouco, deve ser dedicado aos filhos de tal modo que estes se sintam amados, protegidos e inseridos em um ambiente acolhedor e tranquilo, caso contrário, se a conduta da família for diferente, as problemáticas irão aparecer e os reflexos poderão ser visualizados dentro de casa e na sociedade em geral.

É válido investigar quais fatores colaboraram para a manifestação e manutenção da violência. Faz-se necessário buscar entender e conscientizar as famílias da importância do seu papel como educador e formador de indivíduos capazes de viver em sociedade de forma harmônica e sociável, estimulando o autocontrole.

A Psicologia apresenta-se como uma das ciências com instrumentos de investigação válidos para auxiliar nesse trabalho de reflexão e autoconhecimento, que possui ferramentas úteis para essa investigação. A psicologia pode ser o

principal agente dessa transformação e conscientização, por isso o estudo torna-se relevante e de grande importância para profissionais da psicologia.

Esse estudo busca chamar a atenção para a importância da família como uma das instituições responsáveis pela estruturação do indivíduo como um ser social

Diante do exposto, esse trabalho tem como objetivo esclarecer como a agressividade se manifesta, porque tem se tornado tão presente nos dias atuais, e qual o papel da família, apontando as possíveis falhas na construção desse processo. Para isso esse trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, no qual os critérios de seleção do material analisado foram resultado de estudos teóricos desenvolvidos no âmbito acadêmico-científico e publicados em bases de dados virtuais.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A Família e Seu Papel na Formação do Sujeito

Para Carvalho Filho (2010,p.11) num sentido amplo, a família é definida como um conjunto de pessoas ligadas entre si pelo casamento e pela filiação ou pelo sucesso de indivíduos descendendo uns dos outros. A família é organizada em uma estrutura hierárquica centrada no princípio da dominância patriarcal, apresentando três tipos de relações elementares: a relação entre o senhor e o escravo, a associação entre marido e mulher e o vínculo entre o pai e os filhos.

Segundo Roudinesco (2003 p.12), podemos distinguir três momentos na evolução da família. Num primeiro momento, a família tradicional ou patriarcal assegura a transmissão do patrimônio. Em uma segunda fase, a família moderna, fundada no amor romântico, reforça os sentimentos e desejos na sua origem. Finalmente, a família contemporânea une, por duração relativa, dois indivíduos com o objetivo de buscar realizações pessoais e sexuais.

Segundo Carvalho Filho (2010, p.136) partindo do predomínio da cultura, Lacan, em uma perspectiva psicológica, coloca a questão da família sobre a ótica da observação e análise. Conclui que, para isso, é necessário que se estude família como uma instituição, uma estrutura.

Dessa forma, Carvalho Filho (2010) revisita Chaves (2005), ressaltando que:

(...) Assim a família humana deve ser compreendida na ordem original de realidade constituída pelas relações humanas (...) (...) o interesse de Lacan é fazer uma pesquisa de natureza psicológica, estudando 'a família como objeto e circunstância psíquica', nunca visando aos instintos, mas sim, aos complexos (...) (Chaves, 2005, p. 32).

Lacan torna a família objeto da psicologia, descrevendo o aspecto da hereditariedade psicológica da transmissão da cultura, da língua, que são processos fundamentais do desenvolvimento psíquico. E, também, apontando o fato de a família transmitir as estruturas de comportamento e de representação inconsciente que permitem uma continuidade psíquica entre gerações e conclui que a característica essencial da família é seu condicionamento por fatores culturais às expensas de fatores naturais (CARVALHO FILHO, 2010, p. 136).

A partir da psicanálise, como mostra Kamers (2006p.108), sabe-se que a família é uma estrutura responsável pela transmissão e inserção da criança na cultura e no universo simbólico, através das funções parentais.

Ao consistir em funções simbólicas e inscritas na cultura, a função parental implica impreterivelmente na presença física de uma outra pessoa que possa personificá-las, o que presume uma transmissão da cultura e a iniciação da criança em uma ordem societária, ou seja, na introdução da criança no campo da palavra e linguagem(KARMES 2006, p. 118).

Karmes (2006, p.115) diz ainda que a família como uma estrutura discursiva é a matriz simbólica indispensável à constituição do sujeito. Pois é a partir da família que serão transmitidos os interditos necessários à cultura. Dessa forma a família pode ser considerada uma instituição humana universal, sendo que é sobre ela que repousam os princípios da ordem social.

Dessa forma como reafirma Zanetti e Gomes (2011, p.498), cabe aos pais se implicar na tarefa de transmissão de uma ordenação simbólica que delimite lugares, de modo que a categoria de pais defina diretamente a categoria de filho.

Sobre o simbólico Borges (2005, p.40) ressalta uma passagem de Dolto (1996) que diz:

A função simbólica é fundadora do ser humano. É ela que permite ao filho do homem, nascido impotente para sobreviver sem a tutela parental, desenvolver uma relação inter-humana de dependência fundamental primária daqueles que desempenham em relação a ele o papel de provedores e posteriormente de tutores. (DOLTO, 1996, p. 231).

Para Freud, a primeira tarefa da educação consiste no dever da criança em aprender a controlar seus instintos, alerta para o fato que é impossível conferir às crianças a liberdade de colocar em prática todos os seus impulsos sem nenhuma restrição. Como resultante disso, de acordo com Freud a educação deve inibir e suprimir os impulsos agressivos da criança, como sempre procurou-se fazer em todos os períodos da história da humanidade(ZANETTI E GOMES 2011, p. 498).

Zanetti e Gomes (2011, p. 498) dizem ainda que para Freud o Superego, que é considerada a instância do aparelho psíquico responsável por exercer o papel de um juiz ou censor relativamente ao ego, e que se constitui a partir da interiorização das interdições parentais, no desenvolvimento do complexo de Édipo, é o sucessor e representante dos pais para o indivíduo. Reforça que os pais são responsáveis diretamente por supervisionar as ações dos filhos no primeiro período da vida deles,

de modo que o superego continue as funções dos pais sem praticamente nenhuma mudança. Para Freud a autoridade dos pais da criança exige uma renúncia ao instinto e que por ela deve ser decidido o que deve ser concedido e o que deve ser proibido.

Borges (2005, p.62) reflete em Freud (1976) dizendo que ele utiliza do mito, “Édipo rei”, que versa sobre o mito universal em que toda criança deseja, em certa fase da vida, possuir a mãe e matar o pai, realizando desejos incestuosos. O eixo central do complexo de Édipo, para Freud, é o deslocamento do primeiro objeto de amor (mudanças dos investimentos amorosos do primeiro objeto-mãe, para o pai) e o conflito entre os desejos amorosos por ambos os pais.

Freud (1976) já falava na importância do complexo de Édipo para o desencadeamento das identificações da criança tanto com a mãe quanto com o pai. Para ele o menino toma o modelo de relação com o seio da mãe para a relação com o pai e durante certo tempo estes dois relacionamentos (com a mãe e com o pai) avançam lado a lado. A partir do momento em que os desejos sexuais do menino começam a tornar-se mais intensos com a mãe, o pai passa a ser percebido como obstáculo entre eles e é a partir deste fato que se origina o complexo de Édipo. A identificação do menino com o pai, segundo Freud, no início da vivência do complexo de Édipo é hostil e se transforma no desejo de livrar-se dele, a fim de ocupar o seu lugar junto à mãe (BORGES 2005, P.67).

A resolução do complexo de Édipo para Freud tem o sentido de possibilitar a consolidação do caráter masculino ao menino e do feminino à menina. A resolução do conflito edípico vai gerar, além das identificações, uma modificação no ego, gerando o superego que representa não somente as escolhas primitivas de objeto, mas também os preceitos (você deve ser assim como o seu pai) e proibições (você não deve ser como o pai ou como a mãe). Para a elaboração do complexo de Édipo, os pais são percebidos como obstáculos à realização de desejos edípicos (BORGES 2005, p.66).

Borges (2005, p.67) traz como reflexão que deve-se acrescentar que aos fatores das funções materna e paterna, a continência dos pais junto a vivência dos conflitos relacionados ao processo de individuação advindos do conflito edípico de tal forma que o conflito possa ser vivenciado e não atuado como na tragédia grega. Com isto, a autora quer dizer que os pais precisam exercer sua função, suportando os conflitos relacionados às vivências de rivalidade dos filhos, sendo presentes



como modelo para imitações, identificações, não se omitindo ou abandonando o filho por temor de morte e de impulsos agressivos, por parte dos filhos.

Para a autora as vivências do conflito edípico, estão diretamente ligadas às funções materna e paterna e ao exercício de interdição do incesto e separação do duo mãe-criança, na introdução da criança no mundo, na cultura, através do processo de auxiliá-la em seu desenvolvimento gradual, a ir-se individualizando (BORGES, 2005, p. 69).

## **2.2 A Família Contemporânea**

Para Roudinesco, (2003, p.11) As transformações próprias da instituição familiar acontecem no seio de duas grandes ordens, a do simbólico, através da proibição do incesto e outros interditos, e do biológico, através da diferença sexual. Acredita que no decorrer dessas transformações foi possível perceber uma variedade diversa e infinita de modalidades de arranjos e organizações familiares, mesmo que embora não se tornem todas duradouras

Transformações sociais construídas na segunda metade do século XX e reestruturadas no início do século XXI modificaram também os laços familiares. A condição da individualidade pode resumir o sentido dessas mudanças, implicando nas relações familiares (OLIVEIRA 2009, p.67).

A respeito disso Oliveira (2009) diz que:

Na sociedade contemporânea, a conjugalidade, muitas vezes, não é verdadeira. O que encontramos é a busca pela estabilidade financeira, a satisfação pessoal e a realização de um sonho: casar-se, o que acaba conduzindo a um casamento no qual os projetos individuais são esquecidos, em que um se anula em relação ao outro. A dificuldade está em compatibilizar a individualidade e a reciprocidade familiares, pois, ao abrir espaço para tal individualidade, renovam-se as concepções das relações familiares. O impacto desses desafios influencia o cotidiano dessas relações (Oliveira 2009, p. 67).

O que se percebe é que se tem o modelo tradicional internalizado operando, e se tem também, novas maneiras de ser família, trazendo novos conceitos aos preestabelecidos, promovendo algumas contradições no próprio contexto familiar, balanceando o que existe de prós e de contras na família tradicional e moderna. A convivência familiar poderá se tornar socializada e visualizada como um local onde existe mudança, evoluindo por meio do diálogo, essa é a tendência atual das variadas formas de organização com valores, crenças, e práticas desenvolvidas, na

busca para os desafios que vão surgindo no percurso da vida (OLIVEIRA 2009, p.69).

Oliveira revisita Souza e Dias (2009, p. 73) afirmando que:

As famílias modernas ou contemporâneas constituem-se em um núcleo evoluído a partir do desgastado modelo clássico, matrimonializado, patriarcal, hierarquizado, patrimonializado e heterossexual, centralizador de prole numerosa que conferia status ao casal. Neste seu remanescente, que opta por prole reduzida, os papéis se sobrepõem, se alternam, se confundem ou mesmo se invertem, com modelos também algo confusos, em que a autoridade parental se apresenta não raro diluída ou quase ausente. Com a constante dilatação das expectativas de vida, passa a ser multigeracional, fator que diversifica e dinamiza as relações entre os membros(Oliveira 2009, p.73).

Um fator relevante que exerce grande influência sobre a nova organização familiar é o contexto social, o que expressa diversidade em suas relações interiores. A família tem sido influenciada pela manifestação da condição social, que na nossa sociedade é escancarada pela enorme desigualdade social que é vivenciada atualmente (OLIVEIRA 2009, p. 74).

Sarti (2000, *apud* Zanetti 2008, p. 27), sobre as transformações que a família vem passando, assinala que elas correspondem a uma ação deliberada, no sentido de um projeto emancipador que gera novos padrões de comportamento, que porem somente se tornaram possíveis por mudanças exteriores à família, que por consequência afetam de maneira efetiva esta esfera da vida social, provocando transformações. Para Sarti, as mudanças que ocorrem contemporaneamente em relação à família relacionam-se pela perda do sentido da tradição, dessa forma os papeis estabelecidos em outro tempo passam a ser compreendidos como parte de um projeto onde a individualidade prevalece e adquire cada vez maior importância social.

A respeito da individualidade, Oliveira (2009) traz que:

A individualidade necessária a todo homem não pode ser confundida com o individualismo que tende a conduzir a sociedade a atitudes egoístas. Diante dessa realidade, é necessário compreendermos o cotidiano das famílias na sociedade contemporânea, para que possamos verificar como se estabelecem as influências da sociedade na família e o papel da família na sociedade (Oliveira 2009, p. 81).

Ribeiro e Ribeiro *apud* Zanetti e Gomes (2011, p. 497) afirma que:

Os novos valores da família estruturam-se em torno do caráter idealizado de cuidados, de respeito à autonomia e às individualidades, e conjectura-se que essas foram às formas em que “individualismo”, “igualdade de direitos”

e “narcisismo” têm-se apresentado na família (1993 *apud* Zanetti e Gomes 2011, p. 497).

Para Ribeiro e Ribeiro (1993 *apud* Zanetti e Gomes 2011, p. 497) as mudanças nos novos valores familiares podem ser compreendidas como consequência de uma sociedade com pouco compromisso com o outro, que refletida na família incorpora um caráter de emergência de cuidados, mas que de forma efetiva não acontece, porque se os pais estão tomados pelo ideal, não se implicam na tarefa de educar na prática.

Apesar das várias denominações atuais sobre a família, como família reestruturada, reorganizada, reconstituída, nova família, não existe um conceito novo de família, porque encaixado na família, existem diversas possibilidades de configurações novas, não fixando em um único modelo. Apesar de todos os estudos sobre famílias existentes, ainda existe dificuldade dos autores em conceituar e denominar essas novas configurações familiares (OLIVEIRA 2009, p.70).

Segundo Oliveira (2009, p. 83) independente das várias maneiras de se organizar, de se conceber família, ela possui papel importante e primordial na socialização da vida das pessoas. Deve-se entendê-la como espaço de construção, de iniciação dos afetos e dos aprendizados que esses afetos provocam a seus componentes, pois essas construções irão rebater na construção dos sujeitos históricos da sociedade.

### **2.3 A Importância da Família na Repressão da Agressividade**

É necessário que a criança tenha um ambiente forte e coeso, com pais que executem sua autoridade e imponha limites aos impulsos destrutivos dos seus filhos, desempenhando suas funções de forma efetiva para a construção psíquica da criança e a estruturação de sua subjetividade. Mas o que se tem observado na contemporaneidade é que a legitimidade das funções paternas e maternas, de fato não acontecem, promovendo uma falha na construção desse ambiente (VALADÃO 2014, p 84).

Para Vilhena e Maia (2002, p. 32) Freud traz a concepção do homem com um ser intrinsecamente mal e destrutivo, tendo de ser contido em seus desejos por forças civilizatórias, e que não sendo dessa forma estaria condenado ao modo de viver impulsivo próprio dos povos primitivos. Segundo as autoras, Freud aponta o maior problema da civilização na agressividade, que é constitucional do homem.

Vilhena e Maia (2002, p. 33) apontam que é a sociedade que gera, mas que também limita a expressão da agressividade individual, mesmo que nunca consiga extingui-la. Segundo elas, Freud aponta o superego como instância que resignaria o homem a submeter-se à lei social, por esta ter tornando-se uma lei internalizada através dos mecanismos de identificação e introjeção.

Sobre a Lei Conte e Hausen (2015, p.6) afirmam que a Lei instituída a partir da exterioridade do assassinato paterno em Totem e Tabu organiza os indivíduos e limita a sexualidade entre os irmãos, estabelecendo a moralidade e a culpa diante do crime cometido. Os tabus foram impedimentos impostos em seu tempo desde o exterior, a uma geração de homens primitivos. Uma geração anterior os instaurou nos homens da posterioridade com violência, passando a ser simbólica nas gerações seguintes, organizando-se assim como uma herança psíquica.

A Lei implantada internamente torna-se simbólica e aponta o êxito do recalçamento e da organização superegóica. O homem passa a reconhecer o limite de seus próprios atos e de sua finitude e a psicanálise passa a partir de então a conhecer e desarmar as tramas de Édipo, nesta luta do amor e do ódio (CONTE E HAUSEN 2015, p. 6).

A violência originária é poder legítimo de uma autoridade justificada. A Lei que introduz o homem na cultura deve ser posta pelas figuras parentais de forma que a violência de sua aplicação não seja do narcisismo e sim da alteridade, implicando em uma renúncia (CONTE E HAUSEN, 2015, p.9).

Abadi *apud* Vilhena e Maia 2002, p. 37 traz a reflexão sobre a importância do ambiente para os destinos da agressividade:

A agressão é inata, junto com o amor. No entanto a atitude da criança para com estes impulsos básicos marcará o destino da agressividade e a capacidade de amar de cada um. (...) É a oportunidade de reparar oferecida pelos pais que faz possível para a criança a confiança em sua atitude amorosa, favorecendo a aquisição da capacidade de preocupar-se com o outro, enquanto se faz responsável pelos próprios impulsos destrutivos. Aí aparece o interesse pelo autocontrole como maneira de preservar o que se ama. (1998, p.59 *apud* Vilhena e Maia 2002, p. 37)

Nos casos de violência que se assiste na sociedade atual pode ser que esteja relacionado a uma falha básica nas funções das famílias e do seu papel como contenedor dos impulsos agressivos(VILHENA E MAIA 2002,p.38).

Reafirmado essa ideia, elas dizem que:

Acreditamos que a agressividade da infância circula por esta questão da negligência e falha nas funções materna primária e paterna dessas crianças. A criança está tendo que assumir, muito cedo, a responsabilidade pelos seus atos, entendendo-se responsabilidade um se responsabilizar infantil e onipotente, pela falta de alguém que deveria estar lá, suficientemente forte, para conter a intrusão do meio e não está, ou está fragilizado, com medo de ser ou fazer o que tem de ser feito. (Vilhena e Maia 2003, p.6)

Sendo assim, a agressividade, e o impulso agressivo termina por não se fundir com o impulso erótico, o que expressa-se pela tirania da criança, que se percebe no comportamento agressivo com seus pais e familiares. A agressividade da criança reflete o problema da falta e da falha da presença diária desses pais. Os filhos da contemporaneidade são resultados de pais com medo de serem pais, retrato do lugar que resta vazio e que é preenchido por alguém ou algo que está fora do ambiente familiar (VILHENA E MAIA 2003, p. 6).

Vilhena e Maia (2002, p.49) evidenciam que a legitimidade das funções parentais não ocorre atualmente, e aponta que talvez seja por conta de ter-se uma sociedade adolescente, na qual não cabe a autoridade como ato de autoria, pois tem-se nos dias de hoje que reinventar tudo de novo o que provoca a perda da tradição, que nos daria como esteio para a criação de padrões novos.

Dessa forma elas concluem que, os pais, acabariam por criar uma negligência no ato de criar seus filhos e de criar seus padrões de como lidar com este filho, porque não se sentem como autores de um fazer e de um dizer significado socialmente. Desta forma estariam falhando a função materna primária e a função paterna de ser o ambiente indestrutível, aquele que dá a “moldura” a um “quadro” que está se constituindo enquanto obra prima (VILHENA E MAIA, 2002, p. 49).

Na sociedade contemporânea os adultos estão renunciando sua responsabilidade de transmitir a Lei, ou seja, de introduzir a criança num mundo culturalmente civilizado. Desta forma, instauram-se na sociedade novas formas de laços sociais, emergindo relações violentas, se pode perceber já instalado na sociedade subjetividades marcadas pelo enfraquecimento da responsabilidade, desaparecimento do sentido comum dos limites, obscurecimento da faculdade de julgar e de estabelecer uma hierarquia de valores" (FLEIG, 2000, APUDZANETTI; GOMES, 2009, p. 200).

#### **2.4 Os Aspectos da Agressividade na teoria psicanalítica**

Em seu trabalho *Mal Estar na Civilização* de 1929, Freud traz o conceito de agressividade como condição inerente do homem e que esta pode se tornar principal fator de ameaça à vida em sociedade.

Durante a construção de sua obra Freud sempre se referiu a agressividade buscando esclarecer mais sobre a forma como ela se manifesta no sujeito. Lima (2007, p.29) diz que em 1920, após a formulação da segunda teoria pulsional, a agressividade é reconhecida como uma pulsão específica funcionando, desde então, praticamente como o outro nome dos impulsos da pulsão de morte, cuja finalidade é a destruição. Ele nos diz que “existem essencialmente duas classes diferentes de pulsões: as pulsões sexuais, compreendidos no mais amplo sentido - Eros se preferem esse nome - e pulsões agressivas, cuja finalidade é a destruição” (FREUD, 1933[32], p.129).

Segundo Lima (2007, p. 31) é possível identificar três momentos na história da teoria freudiana da agressividade, sendo eles: o período que antecede ao aparecimento do conceito de pulsão em 1905; o período marcado pela elaboração da primeira teoria pulsional, 1905-1920 e, o período posterior à segunda teoria pulsional em 1920. O primeiro momento diz respeito àquele no qual a experiência da clínica psicanalítica conduz Freud a tomar como objeto de sua preocupação as manifestações clínicas da agressividade, os comportamentos e sentimentos hostis e agressivos e, porém, o conceito de pulsão encontra-se nos bastidores, em vias de formação. A principal referência teórica desse contexto é a primeira tópica do aparelho psíquico, apresentada por Freud, no capítulo VII de sua obra inaugural *A Interpretação dos Sonhos*.

Ainda segundo Lima (2007, p. 32) em 1905, com aparecimento do conceito de pulsão, no artigo *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* inaugura-se o segundo momento da agressividade, na elaboração da primeira teoria pulsional. Como assinala Strachey (1969 *apud* Lima 2007, p. 32), será especialmente em termos de sadismo que Freud abordará os impulsos agressivos, ao longo desses primeiros escritos.

Freud diz que “o sadismo corresponderia a um componente agressivo autonomizado e exagerado da pulsão sexual, movido por deslocamento para o lugar preponderante” (FREUD, 1905, p.148).

Em *Os Instintos e suas Vicissitudes* (1915), segundo Lima (2007) representa a culminância desse segundo contexto, dizendo que:

Trata-se de um artigo de importância capital para a compreensão não apenas da temática da agressividade, mas, sobretudo, do pensamento freudiano durante os anos que antecedem 1920. Freud, em seu esforço de compor uma metapsicologia, reúne nesse artigo os conhecimentos adquiridos até então, a propósito do conceito de pulsão (Lima, 2007, p. 33).

Este é o conceito mais totalizante do pensamento de Freud, que serve como marco central entre os anos de 1905 e 1915. A oposição entre pulsões de autoconservação e pulsões sexuais funciona como eixo em torno do qual giram os temas e questões da época (MEZAN 2001 APUD LIMA 2007,p. 33).

Lima (2007, p.49)traz que a suposição de uma pulsão de morte aparece em 1920, na obra Além do Princípio do Prazer, fomentando a teorização de uma pulsão agressiva independente, inaugurando assim o terceiro e último contexto da temática da agressividade na obra freudiana. Este momento é de grande importância, sem dúvida alguma, por se inscrever no contexto mais amplo das grandes reformulações teóricas impostas ao campo analítico com o aparecimento da segunda teoria pulsional. Nele, a agressividade surgirá como um dos pilares dessa nova concepção pulsional que se fez acompanhar por uma profunda remodelação do aparelho psíquico, conhecida como a segunda tópica.

Retomando as considerações de Freud em seu texto Mal Estar na Civilização ele nos diz que:

[...] a civilização é construída sobre a renúncia ao instinto, o quanto ela pressupõe exatamente a não-satisfação (pela opressão, repressão, ou algum outro meio?) de instintos poderosos. Essa “frustração cultural” domina o grande campo dos relacionamentos sociais entre os seres humanos (Freud 1930, p. 118)

Para Valadão (2014, p. 80), Freud, influenciado pelas ideias sociológicas de sua época, considerava o indivíduo mal e destrutivo, mas através da civilização os impulsos eram controlados, pois, sem o processo civilizatório eles estariam condenados a viverem como os povos primitivos. Os humanos possuem uma inclinação para a agressão, reconhecendo-a em si próprio e também nos outros, o que leva a uma perturbação no relacionamento com o próximo e,

Força a civilização a um tão elevado dispêndio de energia. Em consequência dessa mútua hostilidade primária dos seres humanos, a sociedade civilizada se vê permanentemente ameaçada de desintegração(Freud, 1930, p. 134).

Freud também se refere à agressividade como algo inscrito na ordem social, como herança de uma lei que o indivíduo se submete, e por qualquer violação desta será severamente punido, como no mito de “Totem e tabu”, em que o tabu se converte em uma força própria, faz-se nas normas, no costume e finalmente torna-se Lei. O autor se refere a um sentimento de hostilidade e ódio, que expressam uma intenção agressiva por parte do indivíduo, diferenciando assim do instinto agressivo. Outro sentimento próprio do humano, segundo o autor, é a crueldade, registro da ação direta da agressividade dirigida ao outro ou a si mesmo, favorecendo a passagem ao ato (VALADÃO, 2014, p. 80).

Sobre o sentimento de hostilidade e ódio Ferrari (2006, p. 54) diz que no humano existem hostilidade e ódio, estes dirigidos ao outro que colocam em perigo um prazer que não quer dividir. A Hostilidade e ódio se manifestam de várias formas, como por olhar, ironia, insulto, chiste obsceno e até mesmo ódio declarado. Nesse mesmo caminho acrescenta a crueldade, que tem sua base no egoísmo, como forma de falar da agressividade como uma ação direta contra o outro e contra a si mesmo, como poderia ser observado no sadomasoquismo. Para o autor, assim como a hostilidade e o ódio, a crueldade também é própria dos humanos.

## **2.5 Agressividade e Violência: Diferenças**

É importante diferenciar agressividade de violência, termos que podem ser inicialmente confundidos. A primeira, segundo Ferrari (2006, p. 1) está circunscrita à estruturação do Eu, enquanto a violência se ordena ao redor da lógica que implica a entrada do vivente na linguagem, que não é sem consequências.

Para Freud a agressividade compõe o psiquismo e é manifestação da pulsão de morte em um arranjo subjetivo entre o Supereu e o Eu o qual tem que dar conta do circuito pulsional ao peso de ideais identificatórios da cultura. Portanto, a cultura impõe restrições à agressividade, assim como a sexualidade. O sentimento de culpa existente nas relações humanas é manifestação do Supereu ao dirigir sua agressividade ao Eu. Em outras palavras, não há como a humanidade se livrar da agressividade e a tendência é sempre negar que o sujeito tenha uma inclinação para a agressividade (GRANDO, M.S; KATZWINKEL, A.S; BRAZ, M.M; 2012, p.2).



De acordo com Vilhena<sup>1</sup> e Maia (2002) poderíamos dizer que a agressividade opera quando há reconhecimento pelo sujeito do objeto a quem endereça sua reivindicação agressiva.

Segundo Santos(s/d)apud Vilhena e Maia 2002, p.35):

Um ato agressivo, que pode ter muitas faces e disfarces, seria simultaneamente uma resistência do Eu tentando marcar seus contornos identitários justamente quando o objeto ameaça o seu lugar, mas também um pedido de reconhecimento e endereçamento de uma mensagem a esse outro(s/d)apud Vilhena e Maia 2002, p.35).

Enquanto na violência,Santos (s/d), (apud Vilhena e Maia 2002, p.35), diz que:

Seu caráter específico é o desejo de causar mal, humilhar, fazer sofrer o outro. O ato violento porta a marca de um desejo, o emprego deliberado da agressividade. Não há, portanto, violência instintiva, porque falar de violência é falar de uma intenção de destruir” (Santos (s/d), apud Vilhena e Maia 2002, p.35).

Peres (2011, p.45) diz que é de suma importância a distinção winnicottiana entre violência e agressividade. Esta é a motilidade vital que nos torna e nos mantém ativos, portanto é constitutiva do ser humano, e por que não dizer, do ser-vivo. O corpo, mesmo aparentemente estático, é provido de forças opostas que mantêm o seu equilíbrio dinâmico. O ato de violência já seria da ordem da destrutividade patológica - uma reação e uma defesa oriundas de uma frustração que funciona como um contraponto às angústias impensáveis ou ansiedades inimagináveis.

Para Ferrari (2006, p. 51) o termo violência torna-se uma categoria ampla, comportando inúmeros fenômenos, o que a torna pouco precisa, ela diz ainda que:

Na psicanálise, a violência é vista sempre em um referencial que mostra que o encontro com a linguagem não é sem consequências para o humano. Compreender a violência por meio desse ensino supõe adentrar-se na constituição do laço social, considerar os discursos que imperam em dado contexto histórico e não perder de vista as formas como os sujeitos são capazes de responder aos mesmos, já que a pulsão está presente também em momentos pacíficos (Ferrari, 2006, p. 51).

Quanto à agressividade diz Ferrari(2006, p. 51):

---

<sup>1</sup>Psicanalista, membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.Graduação em Psicologia - George Washington University(1972), mestrado em Ciências Sociais-CatholicUniversityOfAmerica(1973) e doutorado em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1984). Atualmente é professor associado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e supervisora clínica do Serviço de Psicologia Aplicada-SPA, da PUC-Rio.

Com referência à agressividade, tanto Freud quanto Lacan situam-na como constitutiva do eu, na base da constituição do eu e na sua relação com seus objetos. Não negam sua existência, ao contrário, afirmam a agressividade na ordem humana, ordem libidinal. Existe a agressividade, mas ela pode ser sublimada, pode ser recalcada, não precisa ser atuada, pois o humano conta com o recurso da palavra, da mediação simbólica (Ferrari, 2006, p. 51).

Santos (2011, p. 128) ao falar da agressividade, reportar-se a Lacan (1998) que discorreu sobre a noção de agressividade em psicanálise. Segundo ele Lacan aponta que o substrato da agressividade são as tendências mortíferas inerentes a todo ser humano. Ele propõe explicar a agressividade a partir de cinco teses: A agressividade se manifesta a partir de uma experiência subjetiva de um sujeito; Existe na agressividade uma pressão intencional, uma intencionalidade que simultaneamente promove um desmembramento corporal, aqui entendido como fragmentação de sentimentos e sensações que toma o sujeito e explicita a tendência mortífera; Os impulsos agressivos devem ser tratados por meio da palavra, ou seja, por via do diálogo e não pelas vias de fato; A agressividade é uma tendência correlata ao narcisismo. A agressividade como constituinte do humano contribui para o estabelecimento do mal-estar permanente na civilização.

Dessa forma Santos (2011, p. 129) conclui que a agressividade trata-se de uma força marcada por uma intencionalidade, por uma tendência de morte produtora de tensão e mal-estar.

Para Grandó, M.S; Katzwinkel,A.S; Braz, M.M; (2012,p.3) a violência é disruptiva e destrutiva, porém o mesmo não se deve dizer da agressividade. Muitas vezes é necessária e criativa, pois nada se constrói que não o seja sobre algo que se soterra. Ao imaginar a violência como um ato no qual não estamos incluídos, nem como agentes nem como sofredores, alimentamos o desejo de que não nos atingisse.

Por fim, em meio às diferenças, agressividade e violência têm algo em comum: tanto uma quanto a outra supõem algo de renúncia por parte do sujeito, uma vez que ambas supõem determinado tratamento que a civilização dá ao gozo da vida, ao gozo do vivente, àquele gozo que não é causado nem pelo significante nem pó rum objeto qualquer (FERRARI 2006, p. 59).

### **3 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS TECNICOS DE PESQUISA**

#### **3.1 Classificação da pesquisa quanto aos fins**

O presente trabalho teve por finalidade analisar e esclarecer os aspectos da agressividade na contemporaneidade, bem como a importância da família nesse processo por meio de uma pesquisa descritiva e qualitativa.

#### **3.2 Classificação da pesquisa quanto aos meios**

Foi realizado um trabalho delineado como pesquisa bibliográfica fundamentada em uma ampla revisão da literatura científica.

#### **3.3 Tratamento de dados**

Para a realização da pesquisa foi utilizado como critérios de seleção dos materiais estudos teóricos desenvolvidos no âmbito acadêmico-científico e publicados em bases de dados virtuais como Scientific Electronic Library Online (SCIELO); O portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC); sites de universidades como a PUC-RIO, entre outras e revistas eletrônicas. Além destas também foi realizada consulta a material impresso na biblioteca da faculdade e em outros locais.

A busca pelas obras nas bases de dados se processou com a utilização das seguintes palavras-chave: Agressividade; Família contemporânea; Psicanálise; Papel da família; Violência, isoladamente ou combinados.

O material analisado estava publicado em português e integralmente no período de 2010 a 2017 (com ressalva para algumas publicações em datas anteriores, mas que foram consideradas de grande relevância para a investigação). Além destes fatores, todas as obras deveriam ter sido cientificamente ou tecnicamente produzidas e publicadas.

Para selecionar o material pertinente, seguiram-se os seguintes passos: leitura exploratória dos textos encontrados, leitura aprofundada das obras de interesse e finalmente a leitura analítica dos trabalhos mais relevantes. Os arquivos dos trabalhos foram baixados em área específica no computador do pesquisador e

relator deste trabalho, visando melhor organização na elaboração da pesquisa. Em seguida foram separados por assunto específico para facilitar o acesso dos mesmos.

A organização das informações procedeu-se após a leitura criteriosa das fontes científicas, elaborando assim a estrutura da pesquisa, pontuando as informações mais abrangentes, percebendo e interpretando as entrelinhas dos assuntos abordados, argumentando sobre as informações percebidas e relacionando o fenômeno estudado com a sua manifestação na contemporaneidade.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSOES

Nos dias atuais, é comum ouvir notícias de atos violentos na sociedade. Manifestações da agressividade em todos os meios sociais tornaram-se um fenômeno presente diariamente. Apresentamos nesse trabalho, pela perspectiva freudiana o conceito de agressividade como condição inerente ao homem e que esta pode se tornar principal fator de ameaça à vida em sociedade. Sendo assim, assinala-se a importância da civilização como forma de internalizá-la.

A família é a primeira instituição presente na vida do indivíduo, dessa forma torna-se responsável por inseri-lo na civilização, colaborando para a formação dos valores morais, éticos, culturais e sociais, auxiliando-o, assim, na internalização e canalização dos impulsos agressivos. É necessário que os pais forneçam um ambiente favorável exercendo sua autoridade e criando condições que promovam a contenção dos impulsos destrutivos dos filhos, para isso deve ter consciência da importância em desenvolver bem suas funções paternas e maternas.

Com a mudança nas rotinas familiares, todos precisam desenvolver seus potenciais e sua vida social, a configuração da família tradicional/burguesa vem passando por transformações, e os pais nem sempre são responsáveis por educar seus filhos, repassando essas atribuições a terceiros (babás, escolas, avós, etc.), o que pode promover uma falha na internalização de valores morais e culturais que são importantes para o desenvolvimento do indivíduo.

Nas organizações familiares atuais percebe-se que a relação dos casais nem sempre é autêntica e real, ela vem rodeada de várias outras intenções como a estabilidade financeira ou pessoal, entre vários outros, o que promove certa individualidade nas relações familiares, impactando essas relações.

O que se percebe atualmente é um modelo familiar com alguns princípios do modelo tradicional, mas com características de um mundo atual onde os papéis dos pais se sobrepõem, as rotinas são cada vez mais intensas, a realização profissional, na maioria das vezes compete com o desejo de constituir família, todos esses fatores promovem uma dificuldade desse novo modelo familiar de conciliar seus objetivos pessoais e coletivos dentro da família, provocando, nas relações com os filhos, falhas que interferem de forma significativa na formação desses indivíduos, pois a autoridade parental torna-se cada vez mais ausente ou dissolvida. A perda da tradicionalidade pode gerar o fenômeno da individualidade que, se tratando de

relações familiares pode prejudicar os laços afetivos. O que se percebe nas relações atuais é uma falsa sensação de cuidado em relação aos membros familiares, mas que na verdade está cercada de narcisismo e individualismo. A individualidade nas relações é necessária, mas não pode, em momento algum, ser confundida com individualismo, onde predomina interesses próprios e falta de cuidado com o outro.

É preciso ressaltar também que a família é influenciada pelo meio social que está inserida. O país atualmente vive uma enorme desigualdade social, o que pode provocar também alterações na forma como as relações familiares acontecem.

É no ambiente familiar que o indivíduo internaliza valores e adquire condições para a convivência em sociedade, a agressividade como condição inerente ao indivíduo, precisa ser contida, e a família surge como a instituição reguladora primordial nesse processo. Sendo assim torna-se de grande importância o papel da família na instrumentalização socioafetiva do sujeito e na internalização de sua agressividade. A família é a instituição primeira responsável por propiciar e auxiliar esse indivíduo na repressão de seus impulsos destrutivos, a inseri-lo no mundo civilizado, transmitindo a lei social, estimulando a convivência em sociedade. A família tem falhado nesse papel, negligenciando suas funções parentais.

O superego é a instância psíquica responsável por executar a função de censura, desempenhar o papel de juiz em relação ao ego, esse processo se estabelece a partir da internalização das interdições parentais se desenvolvendo no complexo de Édipo. Sua continuidade se dá na atuação da autoridade dos pais. Eles são responsáveis por monitorar as ações primeiras da vida da criança e fornecer a ela os estímulos necessários para que o superego de continuidade às funções dos pais sem que aconteçam muitas mudanças. Sendo assim as vivências do Complexo de Édipo estão diretamente relacionadas à inscrição do indivíduo na cultura, no estabelecimento das interdições sociais, no desenvolvimento satisfatório do indivíduo através do fortalecimento das funções parentais.

É obrigação dos pais ofertarem ao indivíduo um ambiente forte, consistente e harmônico onde seja imposto limite aos impulsos destrutivos dos seus filhos, que exerçam de forma autêntica sua autoridade promovendo assim uma estruturação psíquica e subjetiva de qualidade. Fica delegada aos pais a responsabilidade de transmitir a Lei social, esta deve estar internalizada a partir dos mecanismos de identificação e introjeção, processo que acontece a partir das funções parentais quando bem desenvolvidas pelos pais.

O ambiente familiar é primordial para o bom desenvolvimento do indivíduo, ele deve ser capaz de suportar os impulsos destrutivos, a agressividade do indivíduo, contribuindo para que seja dispensada para os destinos corretos, afinal a agressividade é necessária para a subjetivação do indivíduo e pode ser usada de forma criativa.

O que se percebe na contemporaneidade é que os pais têm falhado na internalização da lei, tem negligenciado suas funções parentais e os filhos têm cada vez mais cedo, de tomar a “rédeas” das suas próprias vidas, comportamento que reflete na sua relação com o outro, através dos gritos, desrespeito pelos membros da família que se fazem presente também na sua relação social fora do ambiente familiar, predomínio do narcisismo, entre outros. Na família contemporânea, os pais têm deixado de exercer sua autoridade, muitas vezes por medo de serem pais, para não terem a responsabilidade de educar e transmitir valores, que pode ser que também não tenham sido passados a eles, muitos estão despreparados para a maternidade e paternidade, se omitem diante das responsabilidades por não saberem lidar bem com o exercício de sua autoridade.

Os adultos estão abdicando do seu dever de transmitir a Lei, de inserir o indivíduo no mundo culturalmente civilizado. Pode ser por esse motivo, além de outros fatores sociais, que se presenciaram tantos casos de violência, noticiados no dia-a-dia pela mídia e vários veículos de informação. A violência dos dias atuais, nada mais é do que o emprego da agressividade que não encontrou seus destinos certos durante o desenvolvimento do indivíduo.

## 5 CONSIDERACOES FINAIS

Diante de tudo exposto neste trabalho, pode se concluir que a família, dentro das suas novas organizações e como primeira instituição presente na vida do indivíduo, tem falhado no seu papel como educador e provedor dos estímulos iniciais que auxiliam na contenção dos impulsos destrutivos e agressivos, atribuindo esse papel a outras instituições que cercam a vida desse indivíduo, não proporcionando a ele condições para internalizar sua agressividade, que como foi confirmado no decorrer do trabalho é inerente ao indivíduo e por isso precisa ser reprimida e canalizada de forma satisfatória.

Não promovendo estímulos suficientes e necessários para a repressão da agressividade os pais tem falhado em relação as suas funções parentais, negligenciando-as, o que tem contribuído para esse mal-estar notado nos dias atuais, onde atos violentos, que são manifestações da agressividade dirigidas a algo ou alguém e expressas de várias formas, estão cada vez mais presentes na contemporaneidade.

A psicologia, mais especificamente a psicanálise, dentro dos seus pressupostos teóricos contribui para esclarecer os aspectos da agressividade e atentar para a importância do papel das funções parentais quando bem desenvolvidas, promovendo harmonia nos laços familiares e consequentemente na vida em sociedade.



## REFERÊNCIAS

BORGES, M. L. S. F. *Função materna e função paterna, suas vivências na atualidade: In A importância das funções materna e paterna nos primórdios da constituição do ser humano*. Uberlândia-MG, 148 p. 2005.(Pós-graduação/Psicologia Aplicada) Universidade Federal de Uberlândia (UFU).Disponível em:<<http://www.pgpsi.ip.ufu.br/sites/pgpsi.ip.ufu.br/files/Anexos/Bookpage/DissertacaoMariaLuizaSoaresFerreiraBorges.pdf>>. Acesso em 25 de mar. 2017.

CARVALHO FILHO, J.G.T. A Acepção de família na teoria psicanalítica: Sigmund Freud, Melaine Klein e Jaques Lacan, A família na obra de Jacques Lacan. 2010. 166p. Dissertação (Mestrado, Conceitos Fundamentais e ClínicaPsicanalítica) - Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). São João Del Rei, 2010. Disponível em:<[http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestradopsicologia/2011/Dissertacoes/Dissertacao\\_Oficial.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestradopsicologia/2011/Dissertacoes/Dissertacao_Oficial.pdf)> Acesso em 10 de abr. 2017.

CONTE,B. S.; HAUSEN D. C. *Pathos, o assujeitamento quando falta a lei*. São Paulo. p. 1-15. 2015. Disponível em:<<http://sig.org.br/wp-content/uploads/2015/05/pathosoassujeitamentoquandofaltaalei.pdf>>. Acesso em 23 de out. 2017.

FERRARI, I. F. *Agressividade e violência*. Psic. Clín., Rio de Janeiro, v.18, n.2, p.49-62, 2006. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010356652006000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010356652006000200005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 10 de abr. 2017.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.vol. 21.Rio de Janeiro: imago, 1980.

\_\_\_\_\_. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. 2. ed. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

GRANDO, M. S.;KATZWINKEL,A.S.; BRAZ, M. M.*Mãe suficientemente boa na contemporaneidade: uma (re)leitura winnicottiana*.p. 1-16. Caxias do Sul, 2012.Disponível em:<<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1499/322>>. Acesso em 07 de out. 2017.

KAMERS, M. *As novas configurações da família e o estatuto simbólico das funções parentais*. Blumenau. v. xi,n.21, p.108-125, 2006. Disponível

em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282006000200008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282006000200008)>. Acesso em 25 de set. 2017.

LIMA, B. *“Do amor em tempos de cólera”: agressividade, subjetividade e cultura*. 2007. 289p (Tese, Psicologia Clínica) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, PUC – RIO, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em:<[https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9985/9985\\_3.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9985/9985_3.PDF)> Acesso em 23 de jun. 2017.

OLIVEIRA, N.H.D. *Recomeçar: família, filhos e desafios: Família Contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 236p. 2009. Disponível em <<http://books.scielo.org>>. 23 de junho 2017.

PERES, F.S. Agressividade e violência no cenário contemporâneo: Contribuições winnicottianas. Rio de Janeiro. V.33, n. 24, p.41-52, 2011. Disponível em:<[http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno24\\_pdf/15\\_CP\\_24\\_AGRESSIVIDADE\\_E\\_VIOLENCIA.pdf](http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno24_pdf/15_CP_24_AGRESSIVIDADE_E_VIOLENCIA.pdf)>. Acesso em 07 de out. 2017.

ROUDINESCO, E. *A família em Desordem*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2003. p. 94. Disponível em: <<https://psiligapsicanalise.files.wordpress.com/2014/09/elisabeth-roudinesco-a-famc3adlia-em-desordem.pdf>> Acesso em 07 de outubro 2017.

SANTOS, Alessandro Pereira. Agressividade, violência e criminalidade: algumas considerações e diferenças. In: ROSARIO, Angela Buciano; KYRILLOS NETO, Fuad; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira (Orgs.). *Faces da violência na sociedade contemporânea e clínica*. Barbacena-MG. EdUEMG, 2011. 128-129. Disponível em:<[http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20120704131007.pdf](http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20120704131007.pdf)>. Acesso em 25 de jun. 2017.

VALADÃO, M. S. *Reflexões sobre a agressividade e violência na sociedade contemporânea*. Rev. Transformar. Itaperuna, n.8, 2014. Disponível em:<<http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/14>>. Acesso em 21 de mar. 2017.

VILHENA, J; MAIA, M. V. *Agressividade e violência: reflexões acerca do comportamento anti-social e sua inscrição na cultura contemporânea*. Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 27-58, set. 2002. Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151861482002000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482002000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 23 fev. 2017.

VILHENA, J; MAIA, M.V. *“Nos deram espelhos e vimos um mundo doente”: reflexões sobre agressividade, Comportamento anti-social e violência na contemporaneidade*, Ver. Cient. Ele. De Psicologia, Novembro de 2003. Disponível

em:<[http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/dmi9sZ0X6qXEZBb\\_2013-4-30-10-42-49.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/dmi9sZ0X6qXEZBb_2013-4-30-10-42-49.pdf)>. Acesso em 23 de fevereiro 2017.

ZANETTI, S. A. Serra; GOMES, I. C. A "*fragilização das funções parentais*" na família contemporânea: determinantes e consequências. *Temas psicol.* Ribeirão Preto-SP, V. 19, n. 2, p. 491-502, dez. 2011. Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2011000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000200012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 21 de mar. 2017.

\_\_\_\_\_. *Efeitos da fragilização dos papéis parentais em determinados comportamentos de crianças no ambiente escolar, na contemporaneidade: O processo histórico*. 2008, 199p. (Dissertação – Psicologia Clínica) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em:<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-14072009-104119/pt-br.php>>. 25 de fev. 2017.